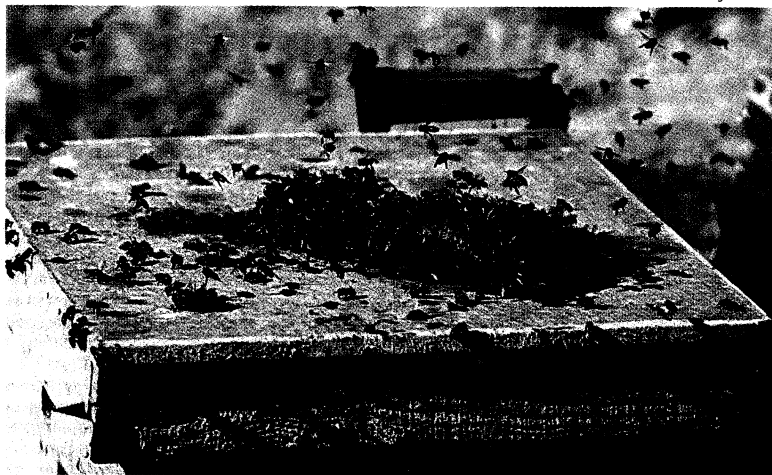


Miguel Veterano



Atípico | As abelhas obreiras que abandonam a colónia deixam a rainha para trás; um comportamento pouco comum.

CONGRESSO AMERICANO DEBATE PROBLEMA

Abelhas desaparecem sem deixar rasto

Helena Tecedeiro

Os apicultores americanos estão desesperados: as suas abelhas estão a desaparecer sem deixar rasto. Nos últimos meses, o problema dizimou 25% dos enxames do país e atingiu tais proporções que o Congresso começou ontem a debater o futuro de um insecto fundamental para o sector agrícola.

Pomposamente chamado Problema do Colapso das Colónias, o desaparecimento de abelhas atinge 30 dos 50 estados americanos. Sem qualquer pista sobre o paradeiro dos seus enxames, nem uma causa aparente para este comportamento, os apicultores estão perplexos. "Perdemos mais de meio milhão de colónias, com uma população de 50 mil abelhas", disse o Presidente da Federação Americana de Apicultores, Daniel Weaver, citado pelo *El Mundo*.

O facto de não se encontrarem os restos mortais dos insectos é um dos aspectos que mais intriga os especialistas. Mas não é o único. O facto de as abelhas obreiras deixarem a rainha para trás quando fogem é um comportamento ainda mais atípico. "Nunca tínhamos tido um caso como este", garantiu Weaver ao diário espanhol.

25%

É a percentagem de enxames dizimados nos Estados Unidos pelo chamado Problema do Colapso das Colónias

14 mil milhões

É o valor em dólares gerado anualmente nos Estados Unidos pela polinização dos campos de cultivo

Muito mais do que simples produtoras de mel, as abelhas são responsáveis pela polinização dos campos de cultivo – uma actividade que o *New York Times* calculou gerar anualmente 14 mil milhões de dólares nos EUA.

Uma coisa é certeza, milhões de abelhas esfumaram-se. Segundo a revista *The Real Truth*, é normal os apicultores perderem cerca de 20% dos enxames numa época mas, este ano, têm sido relatadas

perdas de 30% a 60%. Por isso, decidiram pedir ao Congresso mais fundos para investigarem o que está a provocar este estranho fenómeno.

O verdadeiro motivo para o desaparecimento das abelhas continua a ser um mistério. Mas a lista de suspeitos não pára de aumentar. Pesticidas, ondas de telemóvel, a seca, organismos geneticamente modificados. Na revista *New Scientist*, a professora May Berenbaum, da Universidade do Illinois, acredita que se pode tratar de um pesticida que está a provocar danos neurológicos à abelhas e a alterar o seu sentido de orientação.

Diane Cox-Foster, membro do grupo de trabalho contra o Problema do Colapso das Colónias explicou ao semanário alemão *Der Spiegel* que as poucas abelhas que os cientistas conseguiram recuperar apresentavam um conjunto de sintomas que não coincidem com nenhuma doença conhecida. Alguns dos insectos tinham cinco ou seis tipos diferentes de infecções; um sinal de que algo destruiu o seu sistema imunitário.

Enquanto os cientistas não descobrem o que está a dizimar os seus enxames, os apicultores americanos receiam não haver abelhas suficientes para polinizar a maior parte das culturas que florescem em Abril – pêras, melões e pêssegos. I

Incêndios são os grandes exterminadores das colmeias em Portugal

"Em Portugal, são os incêndios a grande causa de desaparecimento de abelhas", explicou ao DN Ana Paula Sançana, responsável técnica da Associação de Apicultores da região da Lousã. As colmeias ardidas e a consequente destruição do ecossistema "provocam a fuga do enxame", esclareceu. "Os casos de colmeias abandonadas sem qualquer explicação são muito esporádicos", assegurou António Carvalho, presidente da Lousãmel, adiantando que as principais causas destes fenómenos estão relacionadas com as doenças súbitas que afectam a comunidade inteira e os pesticidas. A lon-

gevidade natural das abelhas obreiras também não é grande. "Dizem que o trabalho não mata, mas mata...", pelo menos no caso desta espécie, observa António Carvalho. Assim, em média, cada abelha obreira dura perto de 45 dias no Verão, "quando está em plena actividade", e a partir de Outubro consegue resistir até à Primavera. Os zangões resistem desde o início da Primavera até Julho, "depende da produção". Enquanto as rainhas – só existe uma por colmeia – têm uma maior resistência e podem viver entre quatro e cinco anos, porque "se alimentam de geleia real". I^{scs}